



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM
ANO 2018 Outubro N° 294**

CAMPANHAS MILITARES DE 1810/20 NA REGIÃO DO PRATA

Luiz Ernani Caminha Giorgis

1 INTRODUÇÃO

A segunda metade do século XVIII foi pródiga em acontecimentos que provocaram mudanças no mundo. Com efeito, já na década de 1760 ocorria na Inglaterra o início da 1ª Revolução Industrial, a qual originou o Liberalismo, doutrina que preconiza a liberdade individual, a livre associação, a livre organização e, principalmente, a democracia representativa.

O Liberalismo, por sua vez, originado da burguesia, foi o motor da Revolução Francesa de 1789, um dos fatos mais marcantes da história da humanidade. O fim do absolutismo, o advento da Constituição e a Declaração dos Direitos do Homem, entre outras, foram as conquistas obtidas por aquela Revolução.

Treze anos antes (1776) da Revolução Francesa (1789), as então Treze Colônias, atual Estados Unidos da América do Norte, haviam obtido a sua independência da absolutista Inglaterra, depois de uma guerra que durou pouco mais de um ano.

Estes acontecimentos influenciaram o mundo todo, inclusive a América do Sul, colonizada então pelos espanhóis e pelos portugueses. A Península Ibérica, no entanto, demorou muito a ser influenciada pelos ventos liberais que sopravam de nordeste por sobre os Pirineus.

Em 1804, o corso Napoleão Bonaparte conseguiu ser coroado Imperador da França, governando sob uma Constituição. Dois anos depois, na impossibilidade de derrotar a Inglaterra no campo militar, e obedecendo a seus ímpetus guerreiros, estabeleceu o chamado Bloqueio Continental, fechando os portos europeus à sua maior inimiga, a Inglaterra. A avalanche napoleônica tomou conta de toda a Europa. A Espanha alinhou-se à França no Bloqueio Continental, mas Portugal, aliada da Inglaterra, manteve-se neutra, o que provocou a reação daqueles dois países. Surge em 1807, secretamente, o Tratado de Fontainebleau, entre França e Espanha, que estabelecia o desmembramento de Portugal em três partes. Espanha e Portugal ficaram em campos opostos.

Em novembro de 1807, o general francês Andache Junot invadiu Portugal com seus exércitos, mas não conseguiu depor a Dinastia de Bragança, desejo de Napoleão, porque a família real portuguesa embarcou, em fuga para o Brasil, momentos antes da entrada dos franceses em Lisboa. Junot não demoraria em Portugal, retirando-se, acossado que foi pelas forças inglesas e lusas do General Arthur Wellesley, depois Duque de Wellington. Duas outras tentativas francesas ainda ocorreriam em Portugal, ambas rechaçadas pelos ingleses e portugueses. Ainda dentro deste quadro de circunstâncias, em 1807 os ingleses ocuparam Montevideu e atacaram Buenos Aires. Mas foram derrotados, rendendo-se com 2.800 baixas.

Entretanto, o que Napoleão não conseguiu em Portugal obteve na Espanha: em abril de 1808, atraiu o rei espanhol Carlos IV e seu filho Fernando, futuro Fernando VII, a uma entrevista na localidade francesa de Bayonne, nos Pirineus, onde os prendeu, obrigando-os a abdicarem do trono. Nomeia, então, rei seu irmão José Bonaparte, como José I. Estava deposta, na Espanha, a dinastia de Bourbon, a mesma derrubada na França pela Revolução Francesa. Na América espanhola, principalmente no Cone Sul, a prisão dos reis espanhóis foi a oportunidade esperada para a deflagração das lutas de independência, já que o Rei José Bonaparte reivindicava autoridade sobre toda a América espanhola.

Com efeito, a Província do Paraguai, o Vice-Reinado do Prata, o Vice-Reinado do Peru e a Capitania do Chile iniciaram suas lutas pela independência em 1809. Já no ano seguinte, o Cabildo de Buenos Aires, através da chamada “Junta de Mayo”, declarava sua emancipação (25 de maio), pondo termo assim ao Vice-Reinado do Prata.

Na chamada Banda Oriental, futuro Uruguai, o caudilho José Gervásio Artigas, comandante do Regimento de Blandengues de Fronteras, influenciado por Buenos Aires e auxiliado pelo seu lugar-tenente Venâncio Benavides, iniciava a luta pela independência da região sitiando a capital, Montevidéu, já que o dirigente espanhol local permaneceu fiel à Espanha. Pedro José Vieira, vulgo “Perico, el Bailarín”, que era natural da Freguesia de Viamão, acompanhado por Benavides, dá o “Grito de Asencio”, que é o primeiro grito da independência do Uruguai.

Mas uma representante espanhola da dinastia de Bourbon estava presente no sul da América do Sul. Era a princesa infanta Carlota Joaquina, esposa de Dom João, o Príncipe-Regente de Portugal. Carlota Joaquina era filha de Carlos IV e irmã do futuro Fernando VII. Conforme PESSOA, Corina de Abreu, In: Cartas de Montevidéu, Biblioteca do Exército, 1953, pág. 50, citando o historiador uruguaio H.D. (sic):

“El rei de Portugal estaba casado con la princesa Carlota, hermana del rei prisionero Fernando VII. Esta princesa era mui ambiciosa e aspiraba hacerse coronar reina de los paizes platenses, heredando así los dominios de su Hermano (grifo meu). Tenia em Buenos Ayres muchos partidarios entre los mismos prohombres de la revolución. A esa princesa fué a quien acudió Hélio (grifo da autora) em demanda de auxilios, preferiendo (idem) que el Uruguay cayera em poder de Portugal (idem) antes que em manos de los revolucionários”.

O citado “Hélio” era o governador de Montevidéu, o general espanhol Dom Francisco Javier Élio, que permaneceu fiel à Espanha, negando a Artigas e à Buenos Aires a adesão da Banda Oriental aos movimentos emancipacionistas. Artigas e o general portenho José Rondeau cercaram Montevidéu. Para isso, Artigas recebeu, de Buenos Aires, homens, dinheiro, armas e o posto de Tenente-Coronel. Antes disso, em 18 de maio de 1811, à frente de mil soldados, o caudilho oriental já havia derrotado Javier Élio na Batalha de Las Piedras.

Seguem-se duas décadas de lutas entre o Império Português, através de sua colônia brasileira, depois Império do Brasil (1822), e as forças de independência do Prata. A então Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul esteve diretamente envolvida em todo esse processo. É oportuno registrar que desde o Tratado de Lisboa (1681), Portugal e Espanha disputaram a hegemonia no Prata. Após o de Lisboa, seguiram-se os tratados de Utrecht (1715), Madri (1750), El Pardo (1761), Santo Ildefonso (1777) e Badajóz (1801). A Banda Oriental e as Províncias Unidas do Rio da Prata, sucessora do Vice-Reinado, herdaram estas disputas, resistindo à ânsia portuguesa de levar os limites do Império Português até a margem ocidental do Rio da Prata, o que restauraria, assim, a Nova Colônia do Santíssimo Sacramento, perdida em 1750 por força do Tratado de Madri.

As lutas daquela fase, no Prata, só terminaram com a vitória das forças luso-brasileiras sobre Artigas na Batalha de Tacuarembó em 22 de janeiro de 1820.

Analisar as campanhas militares platinas no decênio de 1810 a 20 é o escopo deste trabalho.

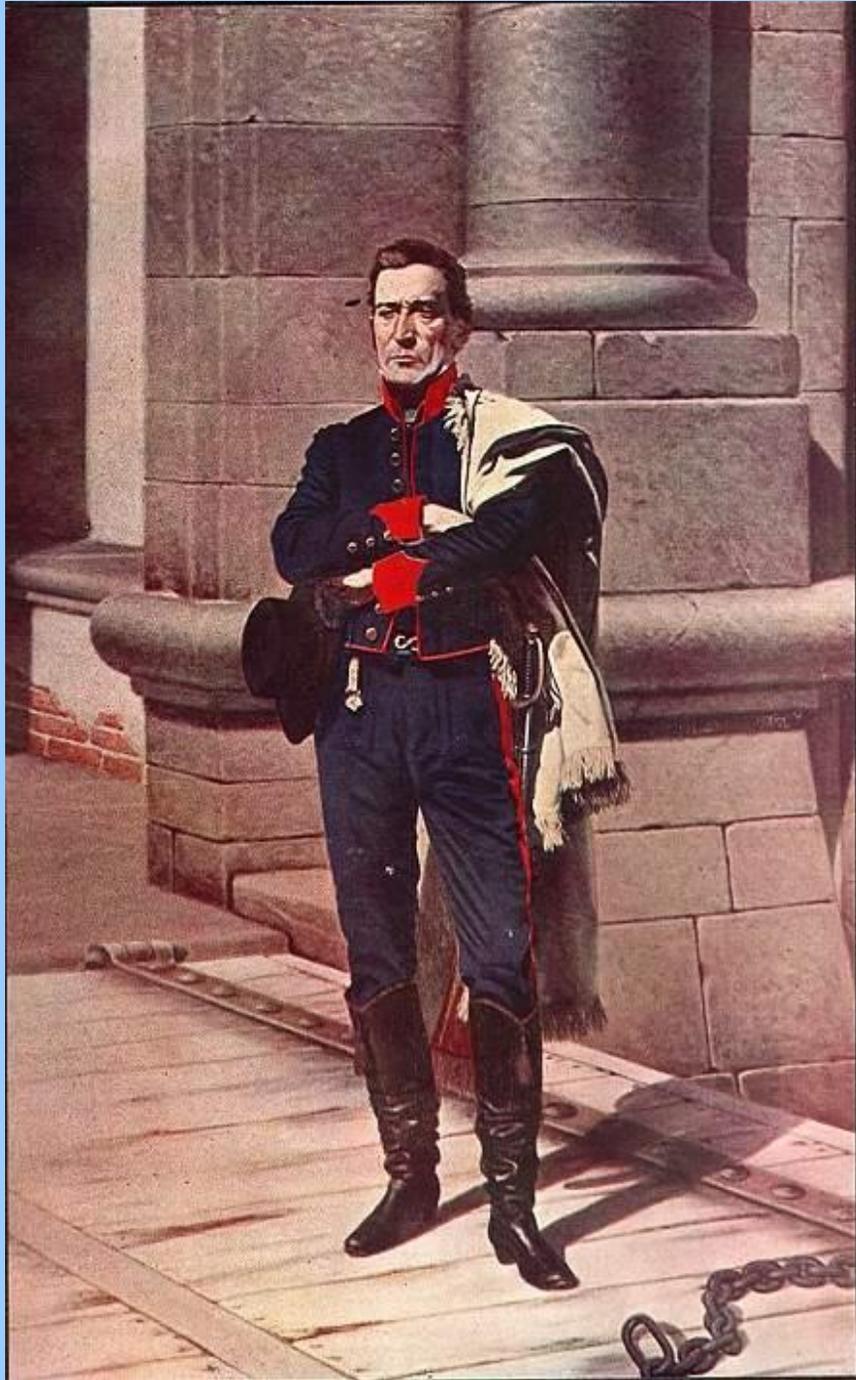
2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A primeira intervenção no Prata

Em 1811, diante do agravamento da situação no Prata, Dom João mandou, como precaução, reunir um Exército de Observação na Capitania do Rio Grande do Sul, cujo comando entregou ao Marechal de Campo Dom Diogo Martim Afonso de Souza Telles de Menezes, futuro Conde de Rio Pardo, governador da Capitania desde 09 Out 1809.

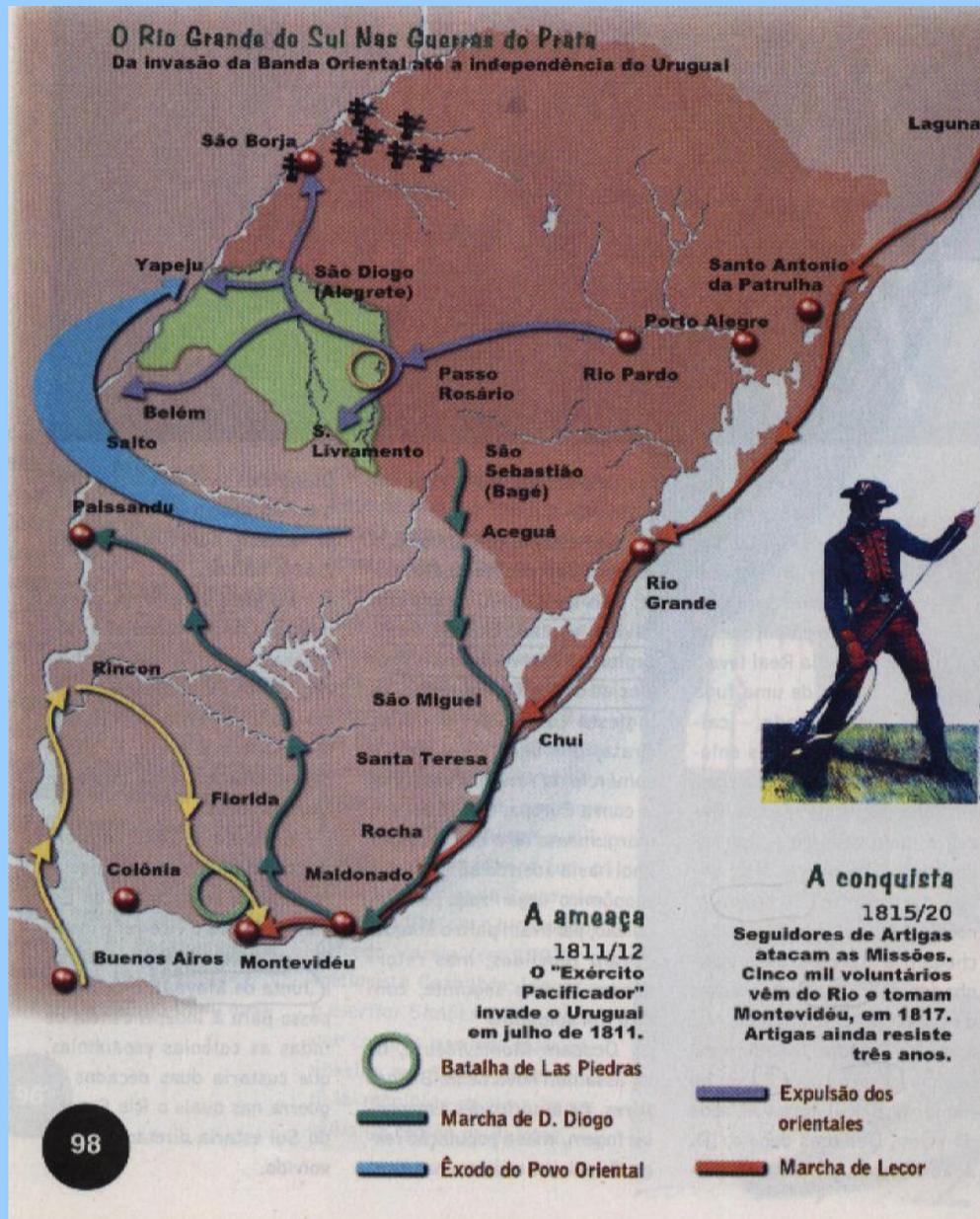
No mesmo ano, atendendo à solicitação de Javier Élio, Dom João mandou transformar o Exército de Observação em Exército Pacificador e remeteu-o à Banda Oriental, sob o comando de Dom Diogo. Este, organizou seu exército e concentrou parte de sua tropa nos “Cerros de Bagé”, atual Bagé. A composição das forças de Dom Diogo era de tropas regulares das capitanias do Rio Grande do Sul, de São Paulo e de Santa Catarina, mais milicianos riograndenses, totalizando três mil homens.

Foram formadas três colunas. A primeira, ao comando do Marechal Manoel Marques de Souza I, em Bagé. A segunda, ao comando do Marechal Joaquim Xavier Curado, concentrou-se às margens do Ibirapuitã, no acampamento chamado de São Diogo. E a terceira, ao comando do Coronel João de Deus Menna Barreto, concentrou-se em São Borja, para guarnecer as Missões.



Don José Gervásio Artigas (www.findagrave.com/memorial/13908877/jos%C3%A9-gervasio-artigas)

As tropas formadoras do exército de Dom Diogo de Souza foram o Batalhão de Infantaria do Rio Grande, dois esquadrões de cavalaria ligeira de Rio Pardo, quatro esquadrões de cavalaria da Legião de São Paulo, dois esquadrões de cavalaria de milícias do Rio Grande, dois batalhões de infantaria da Legião de São Paulo, três baterias de artilharia montada da Legião de São Paulo, uma Companhia de Índios Lanceiros Guaranis, o Regimento de Dragões de Rio Pardo, duas companhias de infantaria da Legião de São Paulo e dois esquadrões de milícias do Rio Pardo. As tropas de infantaria movimentavam-se à cavalo também, mas sua missão era de conquistar e manter. A operacionalidade das forças militares dependia dos espaços e, por conseguinte, dos meios de locomoção proporcionados pelos equinos. Já naquela época, a cavalaria e a infantaria dependiam do apoio prévio dos tiros de artilharia para as operações, tanto ofensivas como defensivas.



Operações no Prata (Já Editores)

A 17 Jun 1811, no rigor do inverno, inclusive com temperaturas abaixo de zero, Dom Diogo desloca suas tropas para a fronteira. As dificuldades de abastecimento e de transportes eram enormes. O exército de Dom Diogo exigia, conforme as tabelas de planejamento daquela época, mais de seis mil cavalos e, para consumo, cerca de 1.500 bois mansos. Uma parte dos bois era destinada para tracionar 140 carretas de transporte de munição e mantimentos. Não foi possível reunir todos esses e outros elementos necessários. Ou seja, a logística caracterizava-se pela carência. No interior da Banda Oriental não foi diferente, embora Dom Diogo tenha obtido, conforme TORRES HOMEM, Joaquim de Salles, Coronel, Annaes das Guerras do Brasil, Imprensa Nacional, Rio, 1911: "prestação desinteressada de serviços para o abastecimento das tropas". É lógico que o custo dessa campanha foi bancada pela corte do Rio de Janeiro através da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul.



Dom Diogo Martim Afonso de Souza Telles de Menezes (História da 3ª RM)



Dom Diogo de Souza passando as tropas em revista (Cel Estigarribia - Acervo do CMS, P. Alegre)

A 23 Jul, o Marechal Manoel Marques de Souza I entra na Banda Oriental e ocupa Cerro Largo (atual Melo). A 05 Set, Marques de Souza I toma posse das fortalezas de São Miguel e Santa Teresa, abandonadas pelo inimigo. Dom Diogo ocupa Maldonado a 14 Set. Seu próximo passo é romper o cerco de Montevideu e assim cumprir sua missão mas, à sua aproximação, Artigas e Rondeau levantam o cerco. Artigas retira-se, acompanhado pelos seus populares (Êxodo do povo oriental) e vai para a Província argentina de Entre-Rios, mas voltará ainda em 1812. Antes da retirada de Artigas e Rondeau, conforme informação de Javier Élio, de 14 Out, fora iniciada, contra a vontade de Artigas, uma negociação para a obtenção de um armistício entre os governos de Montevideu, Buenos Aires e Dom João.

Enquanto isso, no Rio de Janeiro, o embaixador inglês junto à Corte portuguesa, Lorde Percy Clinton Sydney Smythe, Visconde de Strangford, protestava contra a intervenção no Prata. À Inglaterra convinha a libertação completa das colônias espanholas, porque o sistema de comércio adotado pela Espanha impunha um monopólio para a metrópole e isto constituía um obstáculo ao comércio inglês.

Dom Diogo de Souza, aguardando ordens, permanece em Maldonado até março de 1812 quando, em perseguição às forças de Artigas, inicia deslocamento para Paysandú. A 08 de abril, os luso-brasileiros vencem uma guerrilha de Artigas no Rio Negro e, entre abril e junho, diversas vitórias menores ocorrem. Em território gaúcho nenhuma batalha aconteceu.

As batalhas, combates, encontros e recontros entre luso-brasileiros e platinos foram:

Nome/local	Data	Vencedores	Comandante(s)	Tipo de combate
Paysandú	01 Set 1811	Luso-brasileiros	Bento Manoel Ribeiro e Manoel de Carvalho	Ataque e ocupação
Santa Teresa	05 Set 1811	Idem	Marechal Manoel Marques de Souza I	Ocupação e perseguição
Curuzú-Cuatia	19 Out 1811	Idem	?	Rompimento de cerco
Arapeí-Chico	22 Dez 1811	Orientais	Sargento-Mór Manuel dos Santos Pedroso	Retirada de posição sob ataque
Rio Negro	08 Abr 1812	Luso-	General Joaquim de Oliveira Álvares	Ataque e transposição do Rio

		brasileiros		Negro
Daiman	11 Abr 1812	Idem	Capitão Adolfo Charão	Combate de encontro
Itapetí-Grande	12 Abr 1812	Idem	Coronel Thomaz da Costa Rabelo e Silva	Defensiva
Laureles	12 Jun 1812	Idem	Tenente-Coronel Inácio dos Santos Abreu	Defensiva

A 10 de junho, em face do armistício, Dom Diogo recebe ordem de retirar-se da Banda Oriental. A 12 de setembro, o Exército Pacificador marcha de retorno a Bagé. A intervenção havia durado um ano e um mês. Neste período, Dom Diogo de Souza palmilhou toda a Banda Oriental, traçando um triângulo cujos vértices são Bagé, Montevideu e Paysandú.

Além dos três comandantes de colunas que lutaram sob as ordens de Dom Diogo de Souza nesta campanha, outros comandantes foram os coronéis Thomaz da Costa, Bento Manoel Ribeiro e Francisco Chagas Santos, o Major Manoel dos Santos Pedroso e o Capitão de Dragões José de Abreu.

Do acampamento inicial de Dom Diogo de Souza surgiu a cidade de Bagé. Do acampamento do General Xavier Curado em São Diogo surgiu a cidade de Alegrete, às margens do Ibirapuitã. Conforme BENTO, Cláudio Moreira, in História da 3ª Região Militar, vol. I, SENAI, 1994, págs. 149/151, a consequência relevante desta 1ª intervenção no Prata foi a incorporação ao Brasil do distrito de Entre-Rios (quadrilátero formado pelos rios Uruguai, Quaraí, Ibicuí e Santa Maria), onde se situam hoje os municípios de Uruguaiana, Sant'ana do Livramento, Alegrete e parte de Rosário do Sul e de Dom Pedrito. Ao final, Dom Diogo doou sesmarias a militares que participaram da intervenção, povoando-as e proporcionando segurança à área. A campanha foi o batismo de fogo da atual 3ª Região Militar, sucessora do Exército de Dom Diogo de Souza.

Naquela época, a população da Capitania do Rio Grande do Sul era de, aproximadamente, 70.000 habitantes. Muitos filhos do RGS seriam chamados a defender as cores portuguesas e, depois da independência, as cores do Império do Brasil. Por estas guerras, por conflitos anteriores e pelos seguintes, é que se formou na Capitania de São Pedro do RGS uma sociedade guerreira que teve, como senso comum, uma mentalidade combativa.

2.2 A segunda intervenção no Prata (Campanha da Cisplatina - Guerra contra Artigas)

Imediatamente após a saída de Dom Diogo de Souza da Banda Oriental os caudilhos liderados por José Artigas estavam de volta. A partir de 20 Jun 1814, Montevideu foi cercada pelos portenhos, auxiliados por Artigas. Quatorze meses depois, atacada, cedeu após três dias, entregando-se à Buenos Aires. Mesmo assim, a Banda Oriental, incluindo Montevideu, ainda não tinha situação definida. Não era uma província, muito menos um país independente. Um protetorado, talvez?

Mas o Diretor da Junta de Buenos Aires, Dom Gervásio Antonio de Posadas, encarregou-se de definir essa situação: decretou a incorporação do território da Banda Oriental à então chamada União Argentina, com a denominação de *Província Oriental del Rio de La Plata*, nomeando-lhe um governador. Entretanto, em 27 Fev 1815, os orientais, agora comandados não só por Artigas e Benavides mas também por José Frutuoso Rivera, voltam-se contra os argentinos, vencem-nos em Guayabos (10Jan1815) e ocupam Montevideu. Ato contínuo, Montevideu é emancipada pelos seus líderes, projetando sua autoridade por todo o território da Banda Oriental. Estava definida a situação, com José Gervásio Artigas como líder máximo da maioria dos orientais.

Em seguida, os bandos de milicianos artiguistas passam a cruzar a fronteira com o RGS, hostilizando moradores e saqueando fazendas.

Ainda em 1815, com a restauração dos Bourbons na Espanha, surgiu em Dom João o receio da formação de um bloco político espanhol poderoso no rio da Prata, unido e extenso.

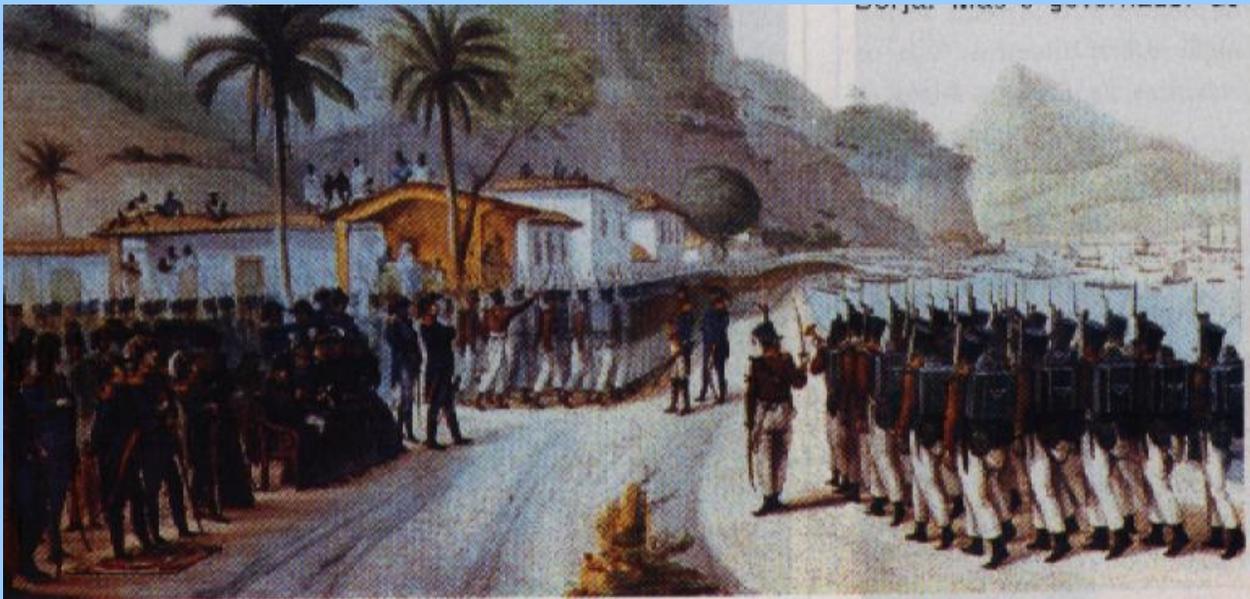
Neste mesmo ano, o governo português havia elevado o Brasil a Reino Unido de Portugal e Algarve, o que deu à antiga colônia o "status" de Reino.

Em 20 Mar 1816 morria Dona Maria I, mãe de Dom João, o qual seria, dois anos depois, aclamado Rei de Portugal, Brasil e Algarve, como Dom João VI, permanecendo no Brasil.

Neste mesmo ano Dom João VI, prevendo dias mais difíceis no Prata, e depois de uma negociação com as cortes de Madri para a repressão à Artigas, cientificada a Inglaterra, mandou vir de Portugal a Divisão dos Voluntários Reais, comandada pelo General Carlos Frederico de Lecór, depois Visconde da Laguna. Esta tropa, veterana das campanhas napoleônicas, após ter sido recebida pelo Rei, em pessoa, em 30 Mar 1816, no Rio de Janeiro, foi imediatamente enviada para o sul, partindo a 12 Jun. Seu efetivo era de 4.831 homens de elite. A missão era investir a Banda Oriental e conquistar Montevideu.



Marechal de Campo Carlos Frederico de Lecór (História da 3ª RM)



Chegada dos Voluntários d'El Rei no Rio de Janeiro - Tropas brasileiras 1825.jpg (google.com)

Iniciava então, em julho de 1816, a segunda campanha de intervenção no Prata.
Nesta época, o governador da Capitania do RGS (desde 13 Nov 1814) e Comandante das Armas era o fidalgo português Marechal de Campo Dom Luís Teles da Silva Caminha e Menezes, Marquês de Alegrete que, antepoando-se às invasões de Artigas,

colocou as seguintes tropas na fronteira-oeste da Capitania com a Banda Oriental: (1) parte da Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo; (2) o Regimento de Dragões do Rio Pardo; (3) o 1º Regimento de Milícias da Capitania do RGS; (4) o Regimento de Infantaria de Santa Catarina; e (5) formações de tropas irregulares, formadas por voluntários e guerrilheiros. Ao governador da Capitania do RGS coube o comando geral das operações.

Para o comando das tropas que cobriam a fronteira do Rio Pardo foi designado o General Joaquim Xavier Curado, que teve sob suas ordens os Brigadeiros João de Deus Menna Barreto, Joaquim de Oliveira Álvares e Francisco das Chagas Santos, o Coronel Bento Correia da Câmara e o Tenente-Coronel José de Abreu, entre outros.

Enquanto isso Artigas, já nomeado "Protector de los Pueblos Libres", criou a chamada Liga Federal, formada pelas províncias de Córdoba, Santa Fé, Corrientes, Entre Rios (argentina) e Banda Oriental, e aprofundou a invasão da Capitania de São Pedro do RGS pela região de Entre Rios (do RGS), buscando cumprir seu plano, que era baseado em cinco objetivos:

- Retardar o avanço de Lecór em direção à Montevideu;
- Atacar o Rio Grande do Sul com a maior parte de suas tropas;
- Conquistar a região dos Sete Povos das Missões e obter reforços;
- Vencer as tropas do Marquês de Alegrete na região sudoeste do RGS;
- Atacar a retaguarda de Lecór em Montevideu.

Em Buenos Aires, a 09 Jul 1816, os patricios argentinos, liderados por Don Antonio Gonzáles Balcarce, e depois pelos generais Juan Martín de Pueyrredón e Carlos Maria de Alvear, entre outros, proclamam a independência formal da União Argentina, sendo adotado o nome de Províncias Unidas do Rio da Prata. Nascia um novo país no Prata.

Esta era a situação em meados do ano de 1816.



Reunião do Cabildo Aberto de Buenos Aires em 22 Maio 1810 (Pedro Subercaseaux, google.com)

Conforme Rocha Pombo:

“Tão grave era o estado de coisas em que pusera Artigas todas as províncias platinas que o próprio governo de Buenos Aires entrou em concerto com o governo do Rio para a invasão da Banda Oriental por tropas portuguesas” (Rocha Pombo, 1935, Vol. VII, págs. 281/282).

E para isso os portenhos manobram diplomaticamente com Dom João através do embaixador Manoel José Garcia. Foi a chamada Missão Garcia, de 1815/18.

Em 21 de setembro, inicia o assédio de Andrés Artigas¹ sobre São Borja. No dia seguinte, em Santana, os orientais são derrotados. Conforme Rio Branco:

O capitão Alexandre Luís de Queirós, destacado com 330 homens de cavalaria pelo General Curado, derrota em Santana um troço de 200 orientais, e pouco depois bate-se em retirada contra uma coluna de 800 homens. Uma emboscada de Bento Manuel Ribeiro deteve a marcha do inimigo.

Em 26 Set 1816, o Coronel Vasco Antunes Maciel, comandante da guarnição da Colônia do Sacramento, vence um destacamento de Artigas na região de Cola, Banda Oriental.

No dia seguinte, atravessando o arroio Ituparái, RGS, próximo a São Borja, o Tenente-Coronel José de Abreu dispersou 200 guerrilheiros correntinos das forças de Andrés Artigas que recolhiam gado e cavalos na região.

Em 03 Out, José de Abreu chega a São Borja e, conforme o Barão do Rio Branco:

na manhã de 3 de outubro, apresentou-se (José de Abreu) diante de São Borja com 693 homens das três Armas rio-grandenses e paulistas, e duas peças. Andrés Artigas foi completamente desbaratado, perdendo 470 mortos e prisioneiros, as duas peças que tinha, toda a bagagem e dois mil cavalos. Os inimigos fugiram, uns pelo Passo de São Borja, outros na direção de Botuí. Em perseguição destes, marchou uma coluna de cavalaria, comandada pelo capitão Paula Prestes contra os outros, o general Chagas expediu a artilharia, a infantaria de São Paulo que viera com Abreu, e a de Santa Catarina que estava na vila. A artilharia, assestada na margem e dirigida pelo tenente Luz, de São Paulo, afugentou a canhoneira de Justo Yedros e meteu a pique outra carregada de fugitivos. Em menos de um mês, foram assim expulsos os invasores do distrito das Missões.

A 19 Out, ocorre o Combate do Ibirocaí (afluente do Ibicuí, próximo a Alegrete), onde o Gen João de Deus Menna Barreto, depois Visconde de São Gabriel, com 510 homens, vence o Coronel artiguenho José Antônio Berdun, que tinha sob seu comando 800 entrerrianos. Conforme o Barão de Rio Branco em suas “Efemérides Brasileiras” (Senado Federal, Brasília, 1999, pág. 490), as perdas luso-brasileiras foram de 24 mortos e feridos. As do inimigo foram de 262 mortos e prisioneiros. O Gen Menna Barreto ficou levemente ferido.

A 27 Out, ocorre o Combate de Carumbé (Cerros de Santana, Banda Oriental), onde o Brigadeiro Joaquim de Oliveira Álvares vence o próprio General José Artigas², que se salvou graças à velocidade de seu cavalo.

A 08 Dez, um destacamento de luso-brasileiros foi destruído pelos artiguenhos na região do arroio Matajojo, Banda Oriental. Morreram 68 homens.

Em 03 Jan 1817, houve dois encontros, ambos na Banda Oriental. O primeiro, no Potrero de Arapeí, onde José de Abreu atacou e tomou o acampamento de 800 homens de José Artigas. E o segundo, na Capela de Santa Lúcia, onde o Gen Bernardo da Silveira Pinto repeliu um ataque de José Rivera.

No dia seguinte, 04 Jan 1817, ocorre uma das maiores batalhas da guerra, a do Arroio de Catalán, Banda Oriental. As tropas brasileiras, comandadas pelo Tenente-General Curado, estavam acampadas e passando por inspeção do Capitão-General da Capitania de São Pedro do RGS, o Marquês de Alegrete, quando foram atacadas pelo general oriental Andrés Latorre, com 3.400 homens. O ataque foi repellido e destruídas as forças inimigas, que tiveram 1.200 baixas. O efetivo luso-brasileiro era de 2.500 homens³.

¹ Andrés Artigas era o índio guarani André Guacarari, ou Taquari, filho adotivo de Artigas, conhecido como Andresito Artigas. Era brasileiro de São Borja.

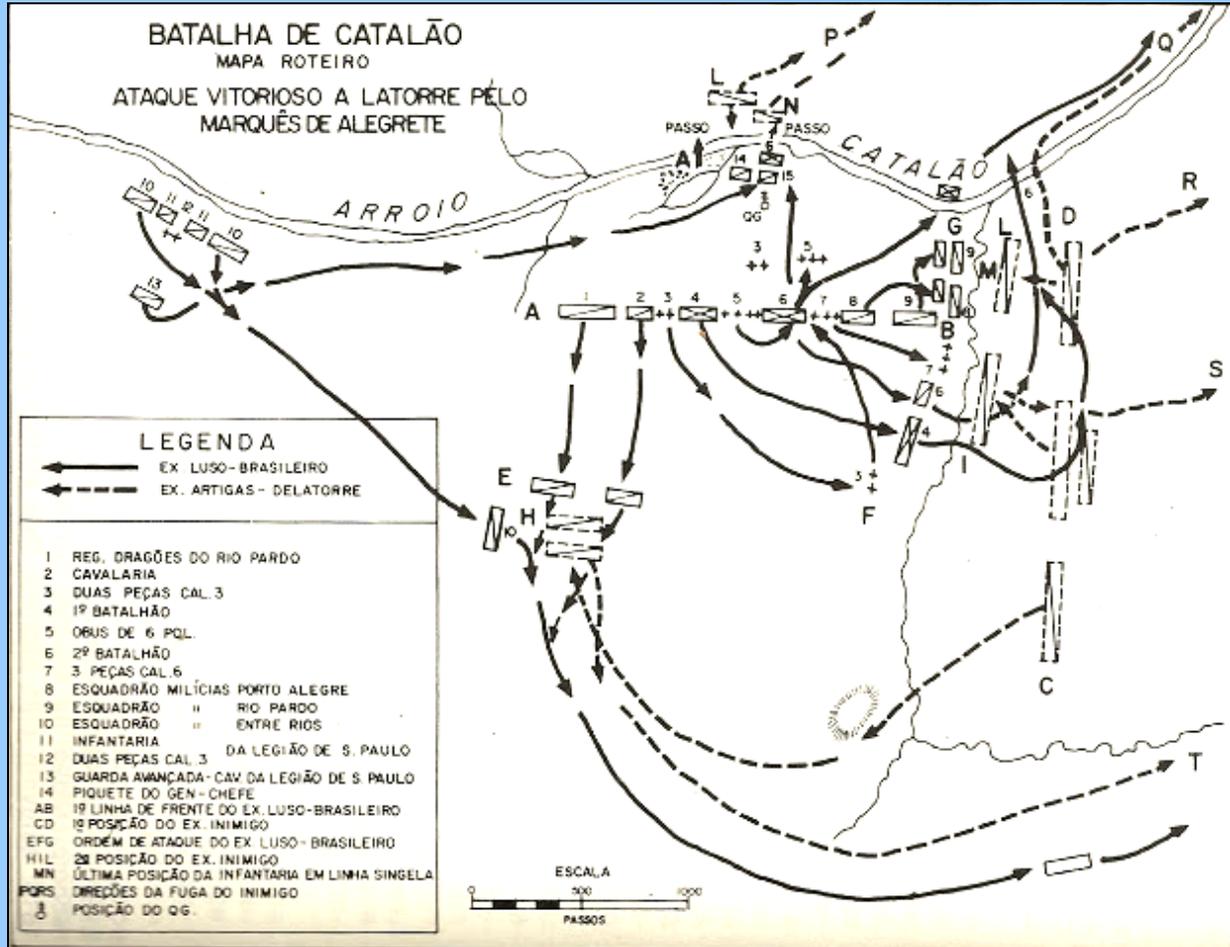
² Conforme Bernardo Élis “Este foi o único combate que Artigas dirigiu (comandou) em pessoa durante a guerra...” (Élis, 1972, p. 67 apud Rio Branco, 1999, p. 503).

³ Nesta batalha, esteve presente a esposa do Marquês de Alegrete, Dona Francisca de Noronha, Marquesa de Alegrete, uma heroína que serviu de enfermeira para os dois lados, cuidando dos inimigos feridos.

Estiveram presentes nesta batalha o Capitão Sebastião Barreto Pereira Pinto, que comandou os Dragões do Rio Pardo, e o Tenente-Coronel Diogo Arouche de Moraes Lara, que comandou o Regimento de Lanceiros Guaranis das Missões, o qual era composto por seiscentos homens.

A Batalha de Catalán possibilitou o acesso para a tomada de Montevideo em 20 Jan.

Tendo chegado ao sul, a Divisão de Voluntários Reais, penetrando a Banda Oriental, teve que entrar em combate na região do arroio de *Índia Muerta* (19 Nov 1816), onde a vanguarda, comandada pelo General Sebastião Pinto de Araújo Correia, enfrentou e venceu 1.700 artigueiros. A vitória nesta batalha abriu o caminho de Lecór para Montevideú.



A 10 Jan 1817, quatro navios portugueses sob o comando do Capitão de Mar-e-Guerra Silva Pacheco iniciam o bloqueio do Porto de Montevideú.

A 19 Jan, o Major José Maria Gama Lobo d'Eça derrota, no Passo de Itaqui, margem direita do rio Uruguai, onde hoje é Alvear, o capitão artigueiro Vicente Tiraparé e suas tropas.

Neste mesmo dia, tropas luso-brasileiras comandadas pelo General Francisco das Chagas Santos passam o rio Uruguai, atacam e vencem o destacamento das tropas artigueiras em San Fernando e incendiam Concepción.

Em seguida, as tropas terrestres tomam Maldonado e, depois, Montevideú. Antes de entrar na cidade, Lecór lança uma proclamação aos orientais informando que não vinha conquistar o país, mas "*unicamente libertá-lo da tirania de Artigas*". O cabildo de Montevideú, de acordo com o povo, entregou as chaves da cidade a Lecór, que nela entrou a 20 Jan 1817. A partir daí, as principais localidades da Banda Oriental foram ocupadas pelas forças luso-brasileiras. Mas Artigas prosseguiria a luta lançando-se à guerra de guerrilhas, sua especialidade.

A ocupação de Montevideú causou celeuma na Inglaterra e na Espanha, mas os reis concordaram em que a expedição de Lecór era legítima, posto que era dirigida contra guerrilheiros de Artigas que ameaçavam a segurança da fronteira brasileira.

Lecór, habilidoso, conquistaria a oligarquia de Montevideú fazendo da cidade "uma ilha de paz e prosperidade". Em 1818, já com mais de 44 anos, casaria com uma moça da sociedade local, dona Rosa Maria Josefa de Herrera y Basavilbaso, de 18 anos,

filha de uma família de grandes latifundiários. Administraria politicamente a Banda Oriental/Cisplatina, com sucesso, até 1825, quando foi substituído pelo Tenente-General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho, futuro Barão de Vila Bela.

Em 21 Jan 1817, as tropas do Gen Chagas Santos incendiam e destroem as localidades de Japejú e de La-Cruz. Foi vingança pelos incêndios e roubos praticados por Artigas em 1816. A 31, Chagas Santos entra em San Tomé, depois de ter posto em fuga as tropas comandadas por Andresito Artigas.

A 14 de março, o Major Hipólito do Couto Brandão embosca e derrota no Paso do Centurión um corpo de orientais.

Em 14 de setembro, Bento Manuel Ribeiro encontra-se com as tropas do Comandante Pascual Moreira em Las Lenguas, derrotando-as. No dia seguinte, prosseguindo sobre Belém com somente 90 homens, ataca e obtém a rendição de 300 orientais⁴, sob o comando do Coronel Jose Antonio Berdun. Os combates prosseguem.

Em 22 de março de 1818, conforme Rio Branco, “o General Curado levanta o acampamento da margem direita do Quaraim e invade a Banda Oriental para operar na linha do Uruguai” (Rio Branco, 1999, p. 172).

Em 03 Abr 1818, ocorreu a tomada de São Carlos. Conforme o Barão do Rio Branco as ações foram da seguinte maneira:

Tomada de São Carlos. Após quatro dias de assédio, o General Chagas Santos ordenou o ataque à igreja e ao colégio, onde o inimigo estava entrincheirado. Tendo a nossa infantaria começado a derrubar o telhado da igreja, renderam-se os contrários, ficando prisioneiros 323 oficiais e soldados correntinos, entre os quais o tenente-coronel Serapio Rodriguez. O Major Camilo Machado Bittencourt, do regimento de infantaria de Santa Catarina, ferido no assalto, faleceu quatro dias depois. Uma bandeira tomada em São Carlos foi remetida para o Rio de Janeiro. A povoação foi incendiada.

No mesmo dia foi aprisionado no arroio Valentim (Banda Oriental), pelo tenente Oliverio Ortiz, do exército do general Curado, em marcha para Paissandu, o comandante Juan Antonio Lavalleja, depois general da República Oriental.

Em 07 Abr, o Gen João de Deus Menna Barreto derrota a infantaria de Artigas em Guabiju, Banda Oriental, sob o comando do Ten Cel Pablo Castro. Os orientais tiveram 430 mortos e prisioneiros. No mesmo dia, o Gen Chagas Santos destrói a povoação de Apóstoles.

A 02 de maio, as forças luso-brasileiras apoderam-se da Colônia do Sacramento. O rio-grandense Vasco Antunes Maciel prende o governador e parte da guarnição. O porto já estava bloqueado pelos navios do Comandante Noronha. Dez dias depois (12 Maio) o caudilho artiguenho Encarnación tenta recuperar Sacramento, mas é repellido por Vasco Maciel.

Em 15 de maio, Bento Manoel Ribeiro derrota, na região de Calera de Barquín, o Coronel Gregório Aguiar e, em Perucho-Berna, o Ten Cel Faustino Tejera. No dia seguinte, entra em Arroio de la China, hoje Concepción del Uruguay, com 560 homens, e derrota o General Ramírez, que tinha um efetivo de 1.300 entrerrianos.

A 25 de maio, o General Sebastião Pinto de Araújo Correia derrota o Coronel Encarnación no combate do Arroio de San Juan. Encarnación foi morto nesta peleja. No mesmo dia, o Cel Manoel Marques de Souza vence o irmão de Artigas, Manuel, em Canelones.

Em 14 de junho, Bento Manuel Ribeiro vence Frutuoso Rivera em Chapicoí. Este, atacou para “arrebatar as cavalarias do exército do General Curado” (Rio Branco, 1999, p. 283).

Em 16 de junho, o então Major Antero José Ferreira de Brito vence o Ten Cel Latorre na região de Castilhos, Banda Oriental.

Em 04 Jul 1818, Bento Manoel, com 550 homens, surpreende e vence José Artigas, que tinha um efetivo de 1.500, na região de Quegaí-Chico, onde morrem mais de 100 orientais e são feitos 170 prisioneiros, apoderando-se também de munição e de canhões de artilharia. Mas Artigas logra fugir, mais uma vez.

Em 16 Out, João de Deus Menna Barreto cumpria a missão de vanguarda das tropas do General Curado (com 600 homens) e atacou Frutuoso Rivera no Arroio Rabón, que comandava 650, colocando-o em fuga. As perdas uruguaias foram de 100 mortos, extraviados e feridos. As brasileiras foram de somente seis homens.

A 30 Jan 1819, Lecór e o Cabildo de Montevideu fixam os limites entre a então chamada Província Oriental e a Capitania de São Pedro do RGS, ficando acertada, de comum acordo, a demarcação a ser realizada entre os respectivos territórios.

Mas Artigas prossegue os combates. Em 06 Maio 1819, o riograndense Bento Gonçalves da Silva derrota e aprisiona na região de Cordovéz o Coronel artiguenho Fernando Otorqués.

A 06 Jun, o Ten Cel José de Abreu derrota em Itacorubi, região missioneira de São Borja, uma divisão de tropas de Andrés Artigas, já promovido a Coronel. Os correntinos perderam 430 mortos e prisioneiros. Andresito logrou fugir, mas foi ferido e capturado 18 dias depois no Passo de San Isidro. Com isso, José Artigas evacuou definitivamente a região das Missões brasileiras. Andresito foi feito prisioneiro na Fortaleza de Santa Cruz, RJ, até 17 Jun 1821, quando embarcou para Montevideu.

⁴ Estes prisioneiros, exceto os oficiais e 80 soldados, foram conduzidos para Porto Alegre e colocados em liberdade (Rio Branco, 1999, p. 432).

A 12 Jun, o Capitão-General do RGS, Dom José de Castelo Branco Correia e Cunha Vasconcelos e Souza, Conde da Figueira, que havia substituído o Marquês de Alegrete, apodera-se de São Nicolau, na região das Missões brasileiras, que estava abandonada pelos orientais.

A 24, Andrés Artigas é aprisionado em Santo Isidro e levado para o Rio de Janeiro.

Em 28 de outubro, os generais Bento Manuel Ribeiro e José Artigas encontraram-se na região de Arroio Grande, Banda Oriental. O primeiro tinha 600 homens e o segundo 688. Bento Manuel teve a iniciativa e atacou Rivera, colhendo significativa vitória. Os orientais tiveram 108 mortos e 96 prisioneiros, contra somente sete dos luso-brasileiros. Artigas logrou escapar.

No final de 1819, aparentemente pacificado o território aquém do Prata, o Brigadeiro José de Abreu estava, a 14 Dez, estacionado na região do Ibirapuitã-Chico, território do RGS, quando foi surpreendido por Andrés Latorre. Abreu perde 80 homens, mas consegue retrair para o Passo do Rosário, onde faz junção com as tropas do Gen Bento Correia da Câmara. Três dias depois foram ambos atacados, mas conseguem repelir o adversário. A 27, em Itaqui, RGS, hoje município de Sant'Ana do Livramento, derrotam 800 orientais e correntinos do exército de Artigas.

Em 06 Jan 1820, os capitães Bento Gonçalves e Diogo Félix Feijó surpreendem e dispersam, no Paso del Pereira do rio Olimar-Grande, Banda Oriental, 300 orientais de Artigas, que estavam sob o comando do Cel Gregório Aguiar. O inimigo teve 61 baixas.

Finalmente, a 22 de janeiro, o Conde da Figueira alcançou, nas nascentes do Arroio Tacuarembó, as tropas de Artigas, forte de 2.500 homens, que se retiravam. Figueira tinha somente 1.200. Iniciada a batalha, Artigas retirou-se, deixando o comando para o Cel Andrés Latorre. A derrota oriental foi completa. Ficaram mortos 500 homens e foram feitos 505 prisioneiros. Entre os mortos o Cel Pantaleón Sotelo e mais quatro oficiais. Foram apesados 6.000 cavalos e bois, toda a artilharia e uma bandeira. Duas colunas perseguiram o inimigo, mas Artigas fugiu para Cruzú-Cuatiá e depois exilou-se no Paraguai, onde morreu em 23 Set 1850, com 86 anos de idade, sem jamais ter retornado ao Uruguai. Estava terminada a Guerra contra Artigas.

Foram, nesta segunda intervenção, aproximadamente 30 enfrentamentos, entre batalhas, combates e pequenos encontros, em cinco anos de guerras. Perderam a vida muitos militares e civis, dos dois lados.

Em 31 Jul 1821, em Congresso realizado em Montevidéu, foi redigido o Tratado de Incorporação da Cisplatina. Com a concordância de todos os deputados, Dom João VI anexou a Banda Oriental ao Brasil com o nome de Província Cisplatina.



O Marquês de Alegrete (História da 3ª RM)

O Conde da Figueira (Idem)

3 CONCLUSÕES

Com certeza, no Prata, a década em questão foi do caudilho José Gervásio Artigas, embora ele tenha perdido a guerra que deflagrou. Mas deixou plantada a semente da independência do Uruguai. Um dos seus acólitos, Juan Antônio Lavalleja, junto a

outros, continuaria a saga emancipacionista por Artigas iniciada, a qual daria frutos em 1828. Tanto é assim que ele é o maior herói uruguaio.

O maior caudilho uruguaio desafiou tudo e todos na sua luta, embalado por um lema:

“NÃO VENDEREMOS O RICO PATRIMÔNIO DOS ORIENTAIS AO BAIXO PREÇO DA NECESSIDADE”.

Foram duas campanhas e quase 40 combates conhecidos, em nove anos de guerra que envolveram o Brasil, a União Argentina, Portugal, Espanha e Inglaterra. Cada qual com seus interesses, em maior ou menor grau.

A Inglaterra pretendia remover os últimos obstáculos à conquista plena dos mercados sul-americanos vedados anteriormente. Suas ações na luta pela emancipação das colônias ibéricas da América exteriorizava o domínio que vinha exercendo na esfera comercial.

A Espanha, dona da área da Banda Oriental, mas vencida e expulsa, não pôde mais projetar poder sobre a mesma, e recuperá-la, já que estava ocupada lutando contra as independências da Argentina, Chile e da Grã-Colômbia. Tinha, além disso, as preocupações advindas do Congresso de Viena, realizado em 1815 para reorganizar o mapa europeu na era pós-napoleônica, e também da ameaça, não concretizada, da Santa Aliança em intervir na América do Sul para recuperar o Prata às monarquias européias.

O Reino Unido do Brasil, por sua vez esteve, em 1817, seriamente ocupado em debelar a Revolução Pernambucana, o que lhe tirou homens e recursos das guerras do Prata.

Mesmo assim, Dom João VI procurou opor-se à União Argentina, que queria incorporar a Banda Oriental, mas também assegurar o acesso fluvial ao Mato Grosso e acabar com as guerrilhas na fronteira com o Rio Grande do Sul.

A ciência militar da época era de influência européia, ou seja, formações rígidas, pouca mobilidade, combates em linha, uma contra a outra. Mas no Prata a realidade foi outra, face aos grandes espaços da pampa. Os combates foram, em sua grande maioria, sobre o dorso do cavalo, o que conferiu às batalhas a característica de grande mobilidade, além das cargas de cavalaria. Além disso, houve pouca rigidez doutrinária, prevalecendo, nos encontros, as condutas circunstanciais, tendendo sempre à guerrilha.

Artigas foi derrotado no campo militar, mercê da grande diversidade de origem de seus soldados, falta de recursos, comandantes pouco capazes e amiúde desmotivados. Não conseguiu Artigas amalgamar o sentimento pátrio de todo o povo oriental. Derrotado sim, mas talvez tenha vencido no campo psicossocial, e do idealismo, quando despertou aquele sentimento.

A independência do Uruguai, oito anos após, aconteceu mais por respeito a uma unidade de pensamento e a um sentimento de pátria que já ocupava, então, as mentes e os corações dos orientais. A ideia do **“brasileira antes, jamais argentina ou espanhola”** foi substituída por **“nem argentina, nem espanhola, nem brasileira, mas sim, independente”**.

Isto ajuda a explicar porque a Província Cisplatina não permaneceu brasileira.

4 CRONOLOGIA

ANO	EVENTO
1789	Início da Revolução Francesa – Declaração dos direitos do homem.
1801	Tratado de Badajoz, entre Portugal e Espanha.
1806	Estabelecimento do Bloqueio Continental por Napoleão Bonaparte.
1807	Tratado de Fontainebleau, entre França e Espanha - Invasão de Portugal pelo Gen Junot - Início da viagem de Dom João e da família real para o Brasil.
1808	Chegada da família real portuguesa ao Brasil - Expulsão de Junot de Portugal - Entrevista de Bayonne – Prisão dos reis espanhóis – José Bonaparte é coroado como Dom José I da Espanha.
1809	Primeiras lutas pela independência de colônias sul-americanas: Paraguai, Argentina, Bolívia e Chile.
1810	O Cabildo de Buenos Aires proclama sua independência da Espanha – José Artigas inicia a luta pela independência do Uruguai sitiando Montevidéu – Pedido de auxílio de Javier Élio a Dom João.
1811	Primeira intervenção portuguesa no Prata, com Dom Diogo de Souza – Batalhas de Paysandú, Santa Teresa, Curuzú Cuatiá e Arapeí Chico - Artigas retira-se do Uruguai – Independência do Paraguai -
1812	Dom Diogo de Souza retira-se do Uruguai – Artigas retorna e toma Montevidéu – Batalhas de Rio Negro, Daiman, Itapetí Grande e Laureles.



Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), tendo sido declarado aspirante-a-oficial da arma de Artilharia em 18 de dezembro de 1965.

Especializou-se na Escola de Artilharia de Costa e Antiaérea (EsACo-sAAe) em 1968 e cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO) em 1976. Concluiu o Curso de Comando e Estado-Maior na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) em 1981 e o Curso de Oficial de Estado-Maior na Escola Superior de Guerra Tenente-General Luís Maria Campos, do Exército Argentino, em 1986. Cursou, em 1993, Política e Estratégia Marítimas na Escola de Guerra Naval.

Entre as inúmeras funções desempenhadas ao longo de sua magnífica carreira, o General Castro foi instrutor da AMAN, da EsAO e da ECEME e comandou o 21º Grupo de Artilharia de Campanha (Grupo Monte Bastione), unidade tradicional de sua arma, sediada no Rio de Janeiro.

Como oficial de estado-maior exerceu funções no Comando da 9ª Brigada de Infantaria Motorizada Escola (Rio de Janeiro), no Estado-Maior do Exército (Brasília), na Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional e na Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional.

Como oficial general, foi Diretor de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), Diretor de Promoções, Comandante da ECEME, Diretor de Formação e Aperfeiçoamento (atual Diretoria de Ensino Superior Militar), Comandante da 4ª Região Militar/4ª Divisão de Exército, Secretário de Economia e Finanças (SEF) e Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa [antigo DEP, atualmente Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX)].

Foi transferido para a Reserva Remunerada do Exército em 2009.

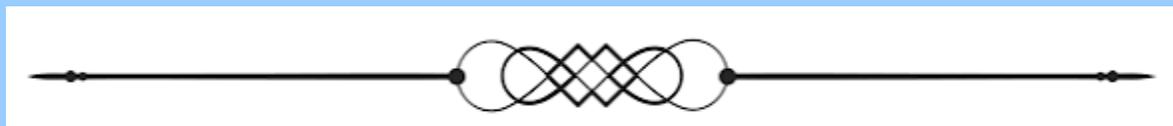
Era professor emérito da ECEME e membro consultivo do Instituto Meira Mattos.

Era Membro Emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e Acadêmico Emérito da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil.

Era Membro titular da Academia Brasileira de Defesa.

Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e do Instituto Histórico de Petrópolis e Membro correspondente do Instituto Histórico e Cultural da Aeronáutica.

Possuía a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil no grau de Comendador.



Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS

lecaminha@gmail.com

Sites:

www.ahimtb.org.br e

www.acadhistoria.com.br

Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da AHIMTB/RS em Cruz Alta:

<http://acadhistoriacruzalta.blogspot.com.br/>